

Obras do Teatro Nacional quase no fim

O Teatro Nacional de Brasília está em seus retoques finais. Mais de 800 operários trabalham dia e noite na obra projetada por Oscar Niemeyer e para cuja conclusão o Governo do Distrito Federal dispendeu um total aproximado de 400 milhões de cruzeiros. Graças às "viradas" dos trabalhadores, o teatro será entregue ao público brasileiro no final desta gestão.

Percorrendo-se todas as instalações da obra, encontram-se operários com capacetes, botas de borracha ou de couro, tênis, alguns descalços e outros com sandálias havaianas, roupas empoeiradas e ar sisudo. Alguns trabalham assoviando ou cantarolando, baixinho, músicas conhecidas de autores como Odair José e Cláudia Barroso.

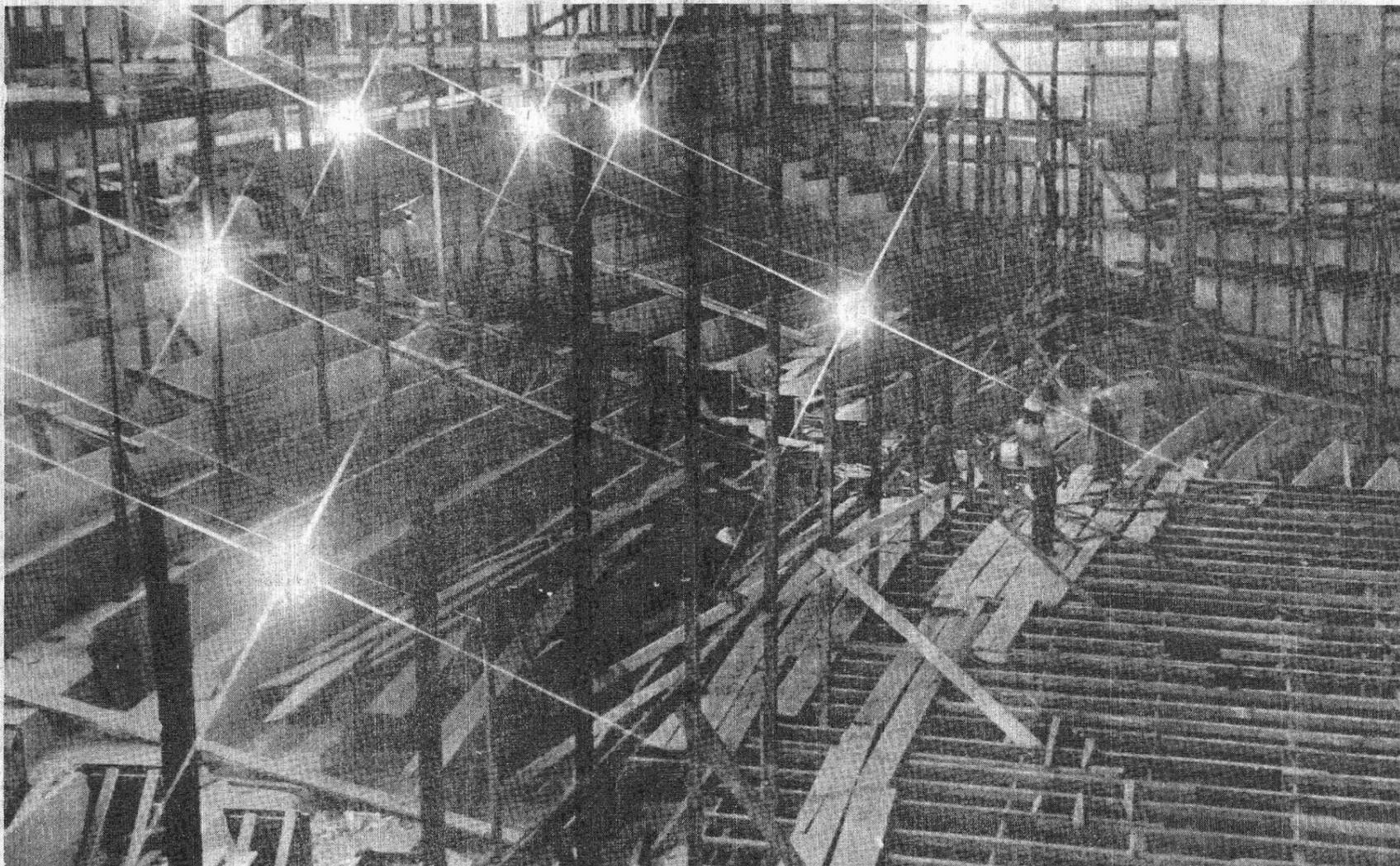
O barulho é infernal. Os martelheiros "motocicleta de baiano" emitem sons tão agudos e fortes que não se consegue ouvir nada do que se diz. Mesmo assim, eles conversam (gritam) entre si: "passa o martelo", "me dá isso, me dá aquilo". Sempre sob os olhos infatigáveis dos encarregados, esses operários, todos residentes em cidades-satélites, passam o dia debaixo do pó fino de concreto, do cheiro forte do cimento e dos ruídos ensurdecedores dos instrumentos de solda, brocas, martelos, serretes e dos seus próprios gritos.

Para esses trabalhadores, que saem de casa por volta das 5 e 30 da manhã e só retornam depois das 19 horas (aqueles que não participam do serão), pouco importa a finalidade de um teatro. Importa sim, o fato de estarem trabalhando para sustentar a família, nunca composta por menos de cinco elementos. Cansados, o único dia que têm livre, para dedicar à família é o domingo. Dia esse que tiram para dormir ou "tomar um gole" com os amigos ou assistir aos jogos pela televisão (todos eles fazem um esforço tremendo para ter esse aparelho em casa).

Dinheiro pra levar as crianças a um parque, chupar um picolé, ir a um circo, nunca sobra. Ainda damos graças a Deus por ter escolas pra eles. Estudar é bom e dá muita garantia para o futuro".

A construtora Rabello, responsável pelas obras do Teatro Nacional e uma das pioneiras no Distrito Federal, oferece refeição para os operários ao preço de 16 cruzeiros. O preço da refeição sai por três horas de trabalho de servente. Porém, muitos deles preferem trazer marmita, normalmente com arroz, feijão, rodela de tomate e ovo (difícilmente carne).

É o caso de Jovino da Cruz



Oitocentos operários trabalham em dois turnos nos retoques finais

Souza, vindo do interior de Minas Gerais e em Brasília há somente 11 meses. Casado e pai de 26 filhos, dos quais somente cinco estão vivos, esse homem, com 52 anos de idade, vive, como ele mesmo diz, "uma vida de privação. Moro no barraco de meu filho na Ceilândia Norte. É uma situação dura, mas meus filhos estudam. Eu não quero que eles tenham o meu destino. Já velho, cansado e tendo que pegar no batente".

Jovino vive como todos os demais serventes. Não só os que trabalham na conclusão do Teatro Nacional, mas como todos na mesma função. "O salário não dá, mas a gente se vira pra equilibrar", diz ele com um sorriso que mostra os poucos dentes que ainda lhe restam. Ele tem consciência da própria vida e se diz cansado de tanto lutar. "Mas não dá pra parar. Sem estudo e com família grande, a gente fica sem poder escolher. É o que aparecer".

Mesmo assim, Jovino, que mal sabe escrever o nome comprou uma televisão, mesmo sem tempo de assistir a nada. "É para as crianças e a mulher. Eu não me incomodo de ter que acordar às cinco horas e correr pra pegar a 'gaiola' que passa às seis horas".

Caso semelhante é o de Aleixo Alves Gama, residente no Gama. Estando em Brasília há quatro anos, vindo do norte de Goiás, esse homem, na função de pedreiro, é pai de dez filhos, sendo que o mais velho tem 21 anos e o mais novo, 12 dias. Mantém os que têm idade, na escola. A única ajuda extra vem de três filhos que trabalham como vendedores. "Se eles não me ajudassem, não tinha condições de viver. Pago 2 mil cruzeiros pelo aluguel de um fundo de barraco e mantenho meus filhos na escola. Eu já estou acostumado com isso e sei que a situação não vai mudar. A vida não tá fácil nem pra quem ganha bem, imagine pra quem tem um salário miserável".

Aleixo é um dos que trazem mamita: "se não trouxesse, aí é que o dinheiro não dava mesmo. O preço da refeição da cantina é muito elevado. Tenho que trabalhar quase duas horas para pagar o almoço. Por isso, eu trago mamita. Minha velha faz em casa, prepara com arroz, feijão, ovo e de vez em quando, uma carnezinha. A situação do operário é muito difícil, porque, quando aumenta o salário, aumenta o custo de vida e a nossa única renda é a do trabalho. Não sobra tempo pra fazer

um bico. As vezes a gente faz serão e dá pra guardar algum dinheiro. Não pra o futuro, porque não dá mesmo. Mas, pelo menos, pra ver se dá pra comer uma galinha ao domingo, ou então um bife".

A vida de Aleixo é igual a de tantos moradores das cidades-satélites. "Não posso alugar um barraco menor, porque não cabe a família. O jeito é morar apertado, pagando mais barato. Eu já me inscrevi na SHIS duas vezes, mas nunca sai minha casa, porque eles dizem que o meu salário é pouco. Por outro lado, eles não aceitam hora-extra. Então, vou indo, lutando pra ver se consigo esta casa e dar um pouco de conforto aos filhos".

Há também casos de chefes de família que moram sozinhos em Brasília, "que é pra ver se as despesas diminuem. Quem não conseguiu casa da SHIS, vive precário com o aluguel. É mais fácil a gente mandar o dinheiro daqui, do que ter que fazer despesas. Em Brasília, tudo é muito caro".

Esse depoimento é de Antônio Ferreira Lino, em Brasília desde 1959. Portanto, batalhou desde o início da construção da cidade que hoje conta com mais de um milhão

de habitantes, dos quais, 74% residentes nas cidades-satélites. Para Antônio, que também sustenta pai e mãe, no interior do Ceará, nada mais normal do que ficar a semana trabalhando e passar o domingo com a família, que reside em Anápolis. Recebendo 22 cruzeiros por hora de trabalho e encarregado de estucador, ele reúne a família da semana, perto de 2 mil cruzeiros e leva para os filhos e mulher, além de mandar, todo mês, cerca de mil cruzeiros para os pais.

Se todos pudessem, fariam o mesmo que Antônio Lino. Mora no emprego, faz sua própria comida e ganha um pouco acima da média (8 mil por mês). Mas isso não é possível, pelas próprias instalações da obra, que não têm alojamento. Oferecem transporte para os operários e serão para os que querem aumentar a renda.

Já Sebastião Mamede de Oliveira é mais tranquilo. Casado, com um filho, reside em casa adquirida da SHIS. Em Brasília há 18 anos e fazendo estucagem nas obras do Teatro Nacional, ele diz conhecer o seu lugar. "Eu sei que essa obra é muito importante e muito cara. Sei também que nunca vou poder frequentar esse teatro, apesar de gostar. Minhas posses

não me darão condições de assistir nada aqui".

O salário de Sebastião atinge mensalmente, até 4 mil cruzeiros, quando participa do serão. Gosta de música e gostaria de ver, pessoalmente, Agnaldo Timóteo, Francisco Cuoco, Tarcísio Meira, Glória Menezes e Suzana Vieira. Um sorriso alvo desponta em seus lábios, quando ouve a pergunta: "você gosta do seu trabalho?". Responde que não importa o tipo de trabalho que se faz, mas sim, a boa vontade, o interesse em crescer e ser gente, trabalhando honestamente para sustentar a família".

Tranquilo também se mostra Estácio Coelho Filho. Encarregado geral de solda e Operário Padrão 76, da Rabello, seu salário gira em torno de nove mil cruzeiros. Mão-de-obra especializada, Estácio começou como soldador, em 1958, já ganhando 2 cruzeiros por hora. Morando em casa própria no Guará, ele tem dez filhos, sendo que todos estão na escola, inclusive um na faculdade (particular). Carro próprio, quitado, é de opinião que, "para crescer na construção civil, é preciso muito esforço e boa vontade. Para ter hoje, as condições que tenho, tive muito trabalho. Criei minha família com muito trabalho e a ajuda de Deus. Tem operário que se conforma em ganhar pouco. Não se interessa em progredir e fica sempre na mesma coisa: cavando buraco, carregando massa, tijolo, varrendo.

Estácio Coelho Filho, Operário Padrão 77. Mestre Abreu, Operário Padrão 76. Talvez esse seja o sonho da grande maioria dos operários brasileiros. Ter seu trabalho reconhecido e recompensado. Mas o mutirão é grande e o trabalho desaparece individualmente. Entre muitos dos trabalhadores, reina o grande desejo de crescer.

Abreu, responsável pelo trabalho dos mais de 800 empregados que a Rabello mantém nas obras do Teatro Nacional, vive hoje, o que ele mesmo classifica de "boa vida. Também pudera, minha filha. São 43 anos de serviço duro. Hoje tenho a minha casa bem montada, meu carro, filhos bem educados. Sofri muito e reconheço que a vida de operário é miserável. Principalmente quando ele não tem interesse em melhorar. Nada na vida cai do céu. A gente tem que lutar e muito. Estou até pensando em pendurar a chuteira depois dessa obra. Mas Oscar Niemeyer me aconselha o contrário. Pra ele, mestre de obras tem que trabalhar sempre. Eu já estou cansado, mas acredito que não vou parar ainda".